Escala Ucla de Solidão: adaptação e validação*

ANGELA DE ALENCAR A. PINHEIRO**
ALVARO TAMAYO***

1. Introdução; 2. Definição de solidão; 3. Instrumentos de medida; 4. Tradução; 5. Análise dos itens; 6. Validação; 7. Precisão; 8. Conclusão.

O objetivo do presente estudo foi a tradução, adaptação e validação, para sujeitos brasileiros, da *Revised Ucla Loneliness Scale*. A tradução e retradução dos itens foi efetuada por pessoas competentes tanto no inglês como no português. A análise dos itens foi feita através da correlação item-total. A amostra para a validação foi composta por 290 estudantes universitários. Três passos foram estabelecidos para a validação: a) correlação entre os escores de solidão e os escores de ansiedade de traço, medida através do Idate de Spielberger; b) correlação entre os escores obtidos na Escala de Solidão e os escores no Índice de Solidão Auto-Reportada; c) comparação dos escores médios de solidão dos grupos de sujeitos solitários e não-solitários. Os resultados foram todos significativos. O coeficiente alfa foi de 0,90 (61 referências).

1. Introdução

Várias pesquisas recentes têm abordado o problema da solidão. Francis (1973) a ela se refere como um fenômeno social, de vez que está ligada à relação recíproca de pessoas em interação, enquanto Kubstant (1977) reconhece as influências sociais na solidão, tanto para suas condições como para sua resolução.

A solidão figura entre os fenômenos tidos como contemporâneos (Mijuskovic, 1977*c*) e sua extensão é salientada na literatura, onde a solidão é encarada como um problema para muitas pessoas, como uma experiência universal ou quase universal (Bradley, 1970; Bragg, 1979; D'Aboy, 1973; Russel, Peplau & Ferguson, 1978).

Interessante observar a crescente proporção em que, ano após ano, publicações são feitas sobre solidão, seja em caráter popular ou científico. Em termos

* Artigo apresentado à Redação em 2.3.82.
** Da Universidade Federal do Ceará.
*** Da Universidade de Brasília. (Endereço do autor: SHIN, QI 16 — Conj. 2 c/20 — 71500 — Brasília, DF.)

de publicações científicas, possível é constatar tal fato, ao se verificar que, nos últimos anos, o número de artigos, livros e teses sobre solidão, citados na *Psychological Abstracts*, vem tendo um surpreendente crescimento (Applebaum, 1978; Burnside, 1971; Chelune, Sultan & Williams, 1980; Czernik & Steinmeyer, 1974; Ford & Zorn (1975); Frazao, 1978; Gaev, 1976; Gordon, 1976; Greene, 1980; Hendrix, 1972; Hobson, 1974; Hornung, 1981; Horowitz & French, 1979; Jones, Freemon & Goswick, 1981; Jong-Gierveld, 1978; Kivett, 1978; Mijuskovic, 1977*a*, 1977*b*; Moore & Sermat, 1974; Moustakas, Peplau & Cadwell, 1978; Peplau, Russel & Heim, 1978; Sadler, 1978).

Mesmo assim, diversos são os autores que ressaltam estar a pesquisa sobre solidão ainda em fase inicial e, diante da escassez de pesquisas empíricas, muito ainda existindo para ser explorado (D'Aboy, 1973; Krebs, 1974; Kubstant, 1977; Loucks, 1980; Rubenstein, 1979; Russel, Peplau & Ferguson, 1978). Fica, pois, implícita a necessidade de incremento de estudos na área, visando a contribuir mais substancialmente para sua compreensão mais efetiva.

2. **Definição de solidão**

Evidente se constitui a necessidade de que, ao se dispensar tratamento científico a um tema, seja estabelecida uma definição para o seu termo central, a fim de que venha a possibilitar melhor compreensão do seu conteúdo.

No caso específico de solidão, diversos autores têm dispensado preocupação, na tentativa de definir o termo.

Bradley (1970) define solidão a partir das discrepâncias entre o papel comportamental que um indivíduo representa e suas experiências íntimas; de sentimentos de falta de objetivo ou significado de vida; de sentimentos de perda de relacionamentos significativamente personalizados na vida de alguém; e da necessidade pessoal e falta de aproximação física e contato com outros.

Através de uma avaliação da literatura existente sobre solidão, D'Aboy (1973) verificou que solidão não possui uma definição consistente. Para ele, o uso da palavra solidão é confuso, na medida em que vocábulos como alienação, solitude criativa e isolamento culturalmente induzido, utilizados para a descrição de diferentes estados afetivos, foram encontrados descritos como solidão. Evidencia, portanto, a falta de clareza no uso do termo solidão e a dificuldade em se comunicar acuradamente o que é solidão, como o significado de um estado afetivo.

Walden (1973) define solidão como um sentimento indesejado e doloroso de separação de certa pessoa ou de algum aspecto do mundo de alguém.

Tendo encontrado, na literatura existente, a descrição de solidão de longo termo como significando um distúrbio, que debilita a capacidade do indivíduo para estabelecer relacionamentos satisfatórios, Mishara (1975) conceituou o termo como uma reação emocional a tipos particulares de carências interpessoais.

Portnoff (1976), considerando existir apenas uma unidade fundamental na descrição de solidão, define-a como uma experiência de desorientação ou estar perdido dentro de um domínio de significado, resultante da quebra ou rompimento de relacionamento com outros significantes.

Para Pittman (1977), solidão significa um sentimento de estar separado dos outros, um sentimento de não totalidade, sendo muitas vezes não construtivo, desintegrativo e sem objetivo orientado.

Elisson (1978) afirma ter observado sempre que solidão envolve uma qualidade central de isolamento. Tal isolamento se refere, basicamente, a uma quebra de relacionamento satisfatório para o indivíduo, estado no qual a pessoa se sente *unattached.* O isolamento pode ser emocional, social ou existencial (Elisson, 1978; Weiss, 1973).

Para Gerson & Perlman (1979), solidão "reflete uma deficiência nas relações sociais de alguém, que quase sempre é acompanhada de senso doloroso de desconforto" (p. 258).

Embora não se constituam em conceituações ou definições homogêneas e unânimes, pode-se formular, a partir dos elementos nelas inseridos, a seguinte definição de solidão: reação emocional de insatisfação, decorrente da falta ou deficiência de relacionamentos significativos, que envolve algum tipo de sentimento de isolamento.

Diversas variáveis têm sido estudadas, no tocante à sua relação com solidão, entre as quais podem ser citadas o sexo (Ellison, 1978; Loucks, 1974; Mishara, 1975; Portnoff, 1976; Russel, Peplau & Ferguson, 1978; Solano, 1980; Wood, 1978); *status* sócio-econômico (Moore, 1973, 1974, 1976; Nevils, 1978; Perlman, Gerson & Spinner, 1978; Rubenstein, 1979); mobilidade demográfica (Ellison, 1978; Moore, 1976; Rubenstein, 1979; Wood, 1977); estado civil (Kivett, 1979; Rubenstein, 1979; Wood, 1977, 1978); nível educacional (Nevils, 1978; Rubenstein, 1979; Wood, 1977, 1978); idade (Ellison, 1978; Knipscheer, 1975; Specht, 1976; Tanner, 1973; Wood, 1978); local de moradia (Kivett, 1979; Woodward, Gingless & Woodward, 1974).

3. **Instrumentos de medida**

Constatável é a preocupação de diversos estudiosos da solidão, no que concerne à necessidade de desenvolvimento e utilização de métodos e medidas de avaliação fidedignos, bem como à sua escassez e inadequação (Krebs, 1974; Russel, Peplau & Ferguson, 1978; Solano, 1980), ressaltando, igualmente, sua pouca divulgação e utilização. De fato, poucos são os instrumentos de solidão de que se tem conhecimento (Belcher, 1974; Bradley, 1970; Eddy, 1961; Russel, Peplau & Cutrona, 1980; Russel, Peplau e Ferguson, 1978; Sisenwein, 1964).

No que se refere ao Brasil, a situação parece ser ainda mais grave, visto que não existe nenhum instrumento de solidão aqui validado. O objetivo do presente estudo foi a tradução, adaptação e validação de uma escala de solidão.

O instrumento escolhido foi a *Revised Ucla Loneliness Scale* (Russel, Peplau & Ferguson, 1978; Russel, Peplau & Cutrona, 1980), desenvolvido na University of California, Los Angeles. Trata-se de uma escala do tipo Likert, composta de 20 itens curtos, com um contínuo de respostas de quatro pontos, sendo o escore resultante da soma simples dos valores obtidos em cada item, processada a reversão dos escores dos itens de direção oposta.

A seleção dos itens foi feita a partir de sua correlação com um índice de solidão, cujo coeficiente alfa foi de 0,78. Esse índice foi obtido através de autodescrições do sujeito. A Escala de Solidão resultou da escolha dos itens que apresentaram correlações mais altas com o referido índice, todas superiores a 0,40.

A validação concorrente da escala foi estabelecida pelo exame da relação entre os escores de solidão e: a) medidas de estados emocionais, ansiedade e depressão, obtidos através do *Beck Depression Inventory* e das *Castello-Comrey*

Anxiety and Depression Scales; b) escores obtidos pelos sujeitos, a partir de autoclassificação num conjunto de 25 emoções, entre as quais constavam emoções consideradas conceitualmente ligadas à solidão (Russel, Peplau & Ferguson, 1978; Weiss, 1973) e outras consideradas não relacionadas; c) medidas de atividades e relacionamentos sociais.

A validação discriminante da escala foi feita através do exame da relação entre os escores de solidão e medidas de humor e personalidade, visando a evidenciar que solidão, medida através da *Revised Ucla Loneliness Scale*, é discriminada de outros construtos conceitualmente relacionados.

Duas amostras foram utilizadas, uma com 162 sujeitos e a outra com 237, totalizando 399 estudantes da Ucla.

Os resultados indicaram correlações significativas entre os escores de solidão e os obtidos no *Beck Depression Inventory* ($r = 0{,}62$) e nas *Castello-Comrey Anxiety* ($r = 0{,}32$) *and Depression* ($r = 0{,}55$) *Scales*. Os autores encontraram igualmente correlações significativas (todas superiores a 0,40) exclusivamente entre as emoções consideradas conceitualmente ligadas à solidão e os escores da escala de solidão. Finalmente, os sujeitos solitários reportaram relacionamentos e atividades sociais mais limitados do que os não-solitários. As correlações entre os escores de solidão e os indicadores de relações sociais foram todas significativas ($p < 0{,}001$).

Quanto à validação discriminante, o tratamento estatístico evidenciou que os escores de solidão foram mais altamente correlacionados com outras medidas de solidão do que com as medidas de variáveis de humor e personalidade examinadas.

4. **Tradução**

O processo utilizado foi o de tradução e retradução dos itens. Para isso, foram solicitadas, de início, traduções independentes para o português a três pessoas, tendo como língua materna o português e com conhecimento aprofundado do inglês. Recomendou-se que tais versões se adaptassem ao contexto brasileiro e, na medida do possível, fossem literais, desde que expressassem fielmente a idéia contida em cada item da *Revised Ucla Loneliness Scale.*

Sete itens tiveram idêntica versão dos tradutores, 10 obtiveram duas versões e três receberam três versões diferentes, totalizando 36 versões.

Numa segunda etapa, visando a assegurar maior controle da tradução, foi feita uma retradução para o inglês, por uma pessoa tendo como língua materna o inglês e com conhecimento aprofundado do português. A fim de evitar possíveis vieses, os itens foram, com anterioridade, aleatoriamente dispostos. Como resultado desse processo, foram eliminadas quatro versões, cuja retradução não correspondeu fielmente à idéia contida no item original da escala.

5. **Análise dos itens**

Duas análises dos itens foram estabelecidas, sendo uma semântica e outra estatística.

O objetivo da análise semântica foi verificar a compreensão e clareza dos itens, bem como das instruções para o preenchimento da escala. A amostra, oriunda da população-alvo, estudantes universitários, foi constituída de seis su-

jeitos, de ambos os sexos, com idade variando de 18 a 24 anos. Foi efetuada uma aplicação coletiva do instrumento, após a qual os sujeitos foram solicitados a formular as observações que julgassem necessárias sobre o instrumento respondido.

Não foram registradas dificuldades com relação às instruções ou a qualquer vocábulo ou expressão utilizados nos itens. Ao contrário, os sujeitos ressaltaram ser o instrumento agradável de responder, a pequena dimensão da escala e a facilidade para preenchê-la.

A fim de verificar a homogeneidade dos itens, foi processado um exame de correlação item-total, utilizando o coeficiente de correlação de Pearson, com uma amostra de 290 sujeitos. Todos os coeficientes encontrados foram acima de 0,28, a um nível de significância de 0,001, como pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1

Coeficientes de correlação item-total

r1t	0,44	r12t	0,59	r23t	0,68
r2t	0,28	r13t	0,43	r24t	0,54
r3t	0,42	r14t	0,66	r25t	0,61
r4t	0,51	r15t	0,61	r26t	0,59
r5t	0,67	r16t	0,53	r27t	0,50
r6t	0,52	r17t	0,63	r28t	0,66
r7t	0,48	r18t	0,50	r29t	0,58
r8t	0,61	r19t	0,61	r30t	0,70
r9t	0,62	r20t	0,52	r31t	0,64
r10t	0,52	r21t	0,50	r32t	0,56
r11t	0,36	r22t	0,52		

Obs.: $p<0,001$ para todas as correlações.

Diante dos resultados altamente significativos, foi estabelecida a seleção de 20 itens, que equivalessem ao instrumento original norte-americano. Optou-se, no caso de itens que contavam com mais de uma tradução para a língua portuguesa, pelo que apresentava mais alta correlação. Ao final, obteve-se, com esse procedimento, uma escala na qual todos os itens apresentaram um coeficiente igual ou superior a 0,41. Uma única versão para cada um dos itens da *Revised Ucla Loneliness Scale* foi conservada, sem repetição de itens equivalentes.

6. Validação

Procurando replicar alguns dos elementos utilizados na validação da *Revised Ucla Loneliness Scale*, três procedimentos foram efetuados no processo da validação da escala para sujeitos brasileiros.

a) *Correlação dos escores de solidão com uma escala de medida de ansiedade.* A correlação existente entre solidão e ansiedade tem sido relatada em vários estudos (Sullivan, 1953; Portnoff, 1976; Perlman, Gerson & Spinner, 1978: Gerson & Perlman, 1979). O instrumento de medida escolhido foi o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (Idate) de Spielberger (Spielberger, Gorsuch & Lushene, 1970), de vez que o mesmo já tem validação estabelecida no Brasil (Biaggio, Natalicio & Natalicio & Spielberger, 1977).

b) *Correlação entre escores de solidão e Índice de Solidão Auto-Reportada (Isar).* O Isar foi constituído de quatro itens, com um contínuo de respostas de quatro pontos, destinados a avaliar a auto-classificação de solidão dos sujeitos. $Isar_3$ e $Isar_4$ corresponderam a dois dos itens do Índice de Solidão Auto-Reportada utilizado na validação da escala norte-americana. $Isar_1$ e $Isar_2$ foram elaborados e agregados para formar o conjunto.

São as seguintes as idéias correspondentes a cada item:

$Isar_1$: autoclassificação, num contínuo de "pouquíssimo solitário" a "muitíssimo solitário";

$Isar_2$: comparação com as pessoas em volta, entre "muito menos solitário" e "muito mais solitário";

$Isar_3$: intensidade de solidão nas duas últimas semanas, de "nada solitário" a "extremamente solitário";

$Isar_4$: freqüência de solidão durante a vida, de "nunca" a "sempre".

c) *Comparação das médias dos escores de solidão dos grupos extremos no contínuo solitário-sociável.* A partir de uma autoclassificação dos sujeitos, foram formados grupos de sujeitos "solitários" (grupo 1), "sociáveis" (grupo 2) e "intermediários" (grupo 3), visando a uma comparação de seus escores.

A amostra para a validação da escala foi composta de 290 estudantes provenientes de cursos universitários públicos, situados nas cidades de Brasília ($N = 190$), Fortaleza ($N = 44$), Teresina ($N = 30$) e Crato ($N = 26$). A idade média foi de 21,9 anos e o desvio-padrão de 3,85, sendo 101 do sexo masculino e 189 do sexo feminino; 234 solteiros, 51 casados e cinco de outros estados civis. Quanto ao local de nascimento, foram registrados sujeitos oriundos de todas as regiões geopolíticas do Brasil, do Distrito Federal e de quase todos os estados e territórios.

O instrumento foi aplicado coletivamente em condições padronizadas.

A correlação entre os escores na escala de solidão e na Subescala de Ansiedade-Traço de Idade foi de 0,43 ($p<0,001$).

A tabela 2 mostra as correlações entre os escores de solidão e o Isar. Todos os resultados foram significativos a 0,001, sendo as correlações positivas e altamente satisfatórias.

Tabela 2

Correlações entre os escores de solidão e o Índice de Solidão Auto-Reportada (Isar)

Isar	Coeficiente de correlação	*P*
1	0,60	0,001
2	0,48	0,001
3	0,48	0,001
4	0,47	0,001

Finalmente, os resultados revelaram que existem diferenças significativas, nos escores de solidão, entre o grupo dos solitários e dos sociáveis (t (220) = 8,78; $p < 0,000$), entre os solitários e os intermediários (t (124) = 4,90; $p < 0,000$) e entre os sociáveis e os intermediários (t (230) = 3,52; $p < 0,001$).

Como pode ser observado, todos os resultados obtidos, nos três procedimentos utilizados no processo de validação do instrumento, apresentaram-se altamente significativos.

7. **Precisão**

A análise da fidedignidade do instrumento foi processada através do coeficiente alfa, tendo-se obtido igual valor (0,90) tanto para o coeficiente alfa como para o item alfa-padrão. Assim, a precisão da escala é altamente satisfatória.

8. **Conclusão**

Pode-se concluir que a validade e a precisão da Escala Ucla de Solidão foram solidamente estabelecidas. Portanto, a escala pode ser utilizada, tanto para pesquisa como no âmbito da psicologia aplicada.

Abstract

The purpose of the present investigation was the translation, adaptation and validation, for Brasilian subjects, of the Revised Ucla Loneliness Scale. The itens were translated to Portuguese and then back to English by translators fluent in both languages. The homogeneity of itens was established through the iten-total correlation. A sample of 290 university students was used for the validation process. The validity of the scale was established through the following procedure: a) correlation between the scores in the Ucla Loneliness Scale and in the State-Trait Anxiety Inventory of Spielberger; b) correlation between the scores in the Ucla Loneliness Scale and in the Self-Reported Loneliness Index; c) compa-

rison of the mean loneliness scores of solitarian and no-solitarian subjects. All results were significant. The alpha reliability coefficient was of 0,90 (61 references).

Referências bibliográficas

Applebaum, F. Loneliness: a taxonomy and psychodynamic view. *Clinical Social Work Journal, 6*:13-20, 1978.

Belcher, M. J. The measurement of loneliness: a validation study of the Belcher Extended Loneliness Scale (Bels). *Dissertation Abstracts International, 35*(2-B):1.035, 1974.

Biaggio, A. M. B.; Natalício, L. & Spielberger, C. D. Desenvolvimento da forma experimental em português do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (Idate) de Spielberger. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 29*:31-44, 1977.

Bradley, R. Measuring loneliness. *Dissertation Abstracts International, 30*(7-B):3.382, 1970.

Bragg, M. E. A comparative study of loneliness and depression. *Dissertation Abstracts International, 39*(12-B):6.109, 1979.

Burnside, I. M. Loneliness in old age. *Mental Hygiene, 55*:391-7, 1971.

Chelune, G. J.; Sultan, F. E. & Williams, C. L. Loneliness, selfdisclosure, and interpresonal affectiveness. *Journal of Counseling Psychology, 27*:462-8, 1980.

Czernik, A. & Steinmeyer, E. Experience of loneliness in normal and neurotic subjects. *Archiv für Psychiatric und Narvenkrankheiten, 218*:141-59, 1974.

D'Aboy, J. E. Loneliness: an investigation of terminology. *Dissertation Abstracts International,* 33(7-B): 3.281, 1973.

Eddy, P. D. *Loneliness: a discrepancy within the phenomenological self*. Unpublished doctoral dissertation. Adelphi College, 1961.

Ellison, C. W. Loneliness: a social-developmental analysis. *Journal of Psychology and Theology, 6*:3-17, 1978.

Ford, W. & Zorn, R. *Why be lonely?* Nyles, III; Argus Communications, 1975.

Francis, G. M. Loneliness: a study of hospitalized adults. *Dissertation Abstracts International, 33*(7-A):3.790-1, 1973.

Frazao, V. A. Emergence from loneliness. *Dissertation Abstracts International, 39*(9/8): 4.454, 1978.

Gaev, D. M. *The psychology of loneliness*. Chicago, Ill., Adams, 1976.

Gerson, A. C. & Perlman, D. Loneliness and expressive communication. *Journal of Abnormal Psychology, 88*:258-61, 1979.

Gordon, S. *Lonely in America*. New York, Simon and Schuster, 1976.

Greene, M. B. Children's self-rated loneliness: who gets lonely? When? *Dissertation Abstracts International, 41*(4-A): 1.488, 1980.

Hendrix, M. J. Toward an operational definition of loneliness. *Dissertation Abstracts International,* 33(4-B):1.974, 1972.

Hobson, R. L. Loneliness. *Journal of Analytical Psychology, 19*:71-89, 1974.

Hornung, K. L. Loneliness among older urban widows. *Dissertation Abstracts International, 41*(7-A):3.288, 1981.

Horowitz, L. M. & French, R. de S. Interpersonal problems of people who describe themselves as lonely. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 47*:762-4, 1974.

Jones, W. H.; Freemon, J. E. & Goswick, R. A. The persistence of loneliness: self and other determinants. *Journal of Personality, 49*:27-48, 1981.

Jong-Gierveld, J. de. The construct of loneliness: components and measurement. *Essence, 2*:221-3?, 1978.

Kivett, V. R. Loneliness and the rural widow. *Family Coordinator, 27*:389-94, 1978.

———. Discriminations of loneliness among the rural elderly: implications for intervention. *Gerontologist, 19*:108-15, 1979.

Knipscheer, C. P. Social integration: a problem for the elderly? *Nederlands Tijdschrift voor Gerontologie, 6*:138-48, 1975.

Krebs, J. S. The infinite spaceship: a phenomenological analysis of the experience of loneliness. *Dissertation Abstracts International, 35*(2-B):1.052, 1974.

Kubstant, T. M. A synthesis of the aloneness/loneliness phenomenon: a counseling perspective. *Dissertation Abstracts International, 38*(4-A):1.892, 1977.

Loucks, S. The dimensions of lineliness: a psychological study of affect, self-concept, and object-relations. *Dissertation Abstracts International, 35*(6-B):3.024, 1974.

———. Loneliness, affect, and self-concept: construct validity of the Bradley Loneliness Scale. *Journal of Personality Assessment, 44*:142-7, 1980.
Mijuskovic, B. Loneliness: an interdisciplinary approach. *Psychiatry, 40*:113-32, 1977*a*.
———. Loneliness and a theory of consciousness. *Review of Existencial Psychology and Psychiatry, 15*:19-31, 1977*b*.
———. Types of loneliness. *Psychology, 14*:24-9, 1977*c*.
Mishara, T. T. A social self-approach of loneliness among college students. *Dissertation Abstracts International, 36*(3-B):1.446, 1975.
Moore, J. A. Loneliness: personality, self-discrepancy and demographic variables. *Dissertation Abstracts International, 34*(5-B):2.287, 1973.
———. Relationship between loneliness and interpersonal relationships. *Canadian Counsellor, 8*:84-9, 1974.
———. Loneliness: self-discrepancy and sociological variables. *Canadian Counsellor, 10*: 133-5, 1976.
——— & Sermat, V. Relationship between self-actualization and self reported loneliness. *Canadian Counsellor, 8*:194-6, 1974.
Moustakas, C. *Loneliness and love*. Englewood Cliffs, N. J., Prentice Hall, 1972.
Nevils Jr., R. S. A study of loneliness: selected interpersonal, historical, situational, and experimental aspects. *Dissertation Abstracts International, 39*(6-B):2.997, 1978.
Peplau, L. A. & Cadwell, M. A. Loneliness: a cognitive analysis. *Essence, 2*:207-20, 1978.
———; Russel, D. & Heim, M. Loneliness: a bibliography of research and theory. *Catalog of Selected Documents in Psychology, 8*:38, MS. 1.682, 1978.
Perlman, D.; Gerson, A. C. & Spinner, B. Loneliness among seniors citizens: an empirical report. *Essence, 2*:239-48, 1978.
Pittman, W. M. The relative effectiveness of three group counseling approaches in reducing loneliness among college students. *Dissertation Abstracts International, 37*(8-A):4.870, 1977.
Portnoff, G. The experience of loneliness. *Dissertation Abstracts International, 36*(12-B; pt. 1): 6.452, 1976.
Rubenstein, C. M. A questionnaire study of adult loneliness in three U.S. cities. *Dissertation Abstracts International, 40*(5-B):2.439, 1979.
Russel, D.; Peplau, L. A. & Cutrona, C. E. The Revised Ucla Loneliness Scale: concurrent and discriminant validity evidence. *Journal of Personality and Social Psychology, 19*:472-80, 1980.
———; ——— & Ferguson, M. L. Developing a measure of loneliness. *Journal of Personality Assessment, 42*:290-4, 1978.
Sadler Jr., W. A. Dimensions in the problem of loneliness: a phenomenological approach in social psychology. *Journal of Phenomenological Psychology, 9*:157-87, 1978.
Sisenwein, R. J. Loneliness and the individual as viewed by himself and others. Doctoral dissertation. Columbia University, 1964. Microfilms n.° 65-4768.
Solano, C. H. Two measures of loneliness: a comparison. *Psychological Reports, 46*:23-8, 1980.
Specht, F. Consequences of early relationship disturbances in adolescence. *Praxis der Psychotherapie, 21*:197-205, 1976.
Spielberger, C.D.; Gorsuch, R. L. & Lushene, R. E. *Manual for the State-Trait Anxiety Inventory*. Palo Alto, Consulting Psychologist Press, 1970.
Sullivan, H. S. *The interpersonal theory of psychiatry*. New York, Norton, 1953.
Tanner, I. J. *Loneliness: the fear of love, an application of T.A.* New York, Harper & Row, 1973.
Walden, P. A. A philosophical investigation of loneliness. *Dissertation Abstracts International, 34*(4-A):1.978, 1973.
Weiss, R S., ed. *Loneliness: the experience of emotional and social isolation*. Cambridge, Mass., The MIT Press, 1973.
Wood, L. A. Loneliness and social structure. *Dissertation Abstracts International,* 37(12-B): 6.414, 1977.
———. Loneliness, social identity and social structure. *Essence, 2*:259-70, 1978.
Woodward, H.; Gingless, R. & Woodward, J. C. Loneliness and the elderly as related to housing. *Gerontologist, 14*:349-51, 1974.